



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO  
SUBSECRETARIA DE PLANEJAMENTO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

## **DO RIO GRANDE DO SUL**

V. 5 N. 1

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Governador: Eduardo Leite

Vice-Governador: Gabriel Vieira de Souza

**SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO**

Secretário: Danielle Calazans

Secretário Adjunto: Bruno Silveira

Subsecretária de Planejamento: Carolina Mór Scarparo

**DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA**

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

# BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL

V. 5 N. 1, abril 2023

Porto Alegre, RS

Bol. Conj. RS	Porto Alegre	v. 5	n. 1	p. 1-20	abr. 2023
---------------	--------------	------	------	---------	-----------

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

<https://dee.rs.gov.br/boletim-conjuntura>

Departamento de Economia e Estatística (DEE-SPGG)

Av. Borges de Medeiros, 1501 - 10.º andar

Porto Alegre - RS - 90119-900

Fone: (51) 3288-1196

*E-mail:* [dee@planejamento.rs.gov.br](mailto:dee@planejamento.rs.gov.br)

*Homepage:* <https://dee.rs.gov.br/inicial>

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Chefe da Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

Equipe Técnica: Bruna Kasprzak Borges, Martinho Roberto Lazzari e Tomás Amaral To-rezani

Revisão de Língua Portuguesa: Susana Kerschner

Projeto Gráfico: Vinicius Ximendes Lopes

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Boletim de conjuntura do Rio Grande do Sul / Secretaria de Planejamento,  
Governança e Gestão, Departamento de Economia e Estatística – V. 1, n.  
1, (2019)- . – Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e  
Gestão, 2019- .  
v. : il.

Trimestral.

1. Condições econômicas. 2. Economia Internacional. 3. Economia –  
Brasil. 4. Economia – Rio Grande do Sul. I. Rio Grande do Sul. Secretaria de  
Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e  
Estatística.

CDU 338.1

Bibliotecário responsável: João Vítor Ditter Wallauer – CRB 10/2016

Publicação periódica trimestral que apresenta uma análise detalhada do desempenho da economia gaúcha no contexto dos mercados nacional e internacional.

# SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO EXECUTIVO</b>	4
<b>1 CENÁRIO EXTERNO</b>	5
<b>2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL</b>	7
2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA .....	7
2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS .....	9
2.3 EXPECTATIVAS DE CRESCIMENTO .....	11
<b>3 CENÁRIO INTERNO — RS</b>	12
3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA .....	12
3.2 SETOR EXTERNO .....	14
3.3 MERCADO DE TRABALHO .....	15
3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS .....	16
3.5 PERSPECTIVAS .....	16
<b>PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS</b>	18
<b>REFERÊNCIAS</b>	19

## SUMÁRIO EXECUTIVO

A economia mundial continua a apresentar um cenário de grandes incertezas e baixo crescimento relativo. No último trimestre de 2022, a economia global desacelerou a partir dos fracos desempenhos dos Estados Unidos, da Área do Euro e, sobretudo, da China. No ano, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), o crescimento mundial foi de 3,4% em relação a 2021. O resultado reflete a persistência dos efeitos da guerra na Ucrânia, da inflação alta, do aumento dos juros e da redução dos investimentos em escala global.

A inflação, embora ainda em patamares relativamente altos, vem cedendo, como resultado de políticas monetárias restritivas por parte dos bancos centrais. Ainda assim, alguns países continuam com taxas mais elevadas, como Argentina e Turquia. Uma das causas da queda da inflação é o arrefecimento dos preços das *commodities*, refletindo a desaceleração do crescimento global e a preocupação com uma possível recessão mundial.

As perspectivas quanto a uma recuperação da atividade econômica mundial continuam associadas a diversos riscos, fazendo com que o FMI projete uma desaceleração do crescimento econômico global para 2,8% em 2023.

Nesse cenário internacional, a economia brasileira apresentou pequeno recuo, de 0,9%, no 4.º trim./2022, em relação ao trimestre imediatamente anterior. Esse resultado negativo interrompeu cinco elevações consecutivas, influenciado pela desaceleração das atividades econômicas nos últimos meses do ano, em especial os recuos na indústria de transformação e no comércio. Apesar dessa queda no último trimestre do ano, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil fechou 2022 com crescimento de 2,9%, com expansões setoriais na indústria (1,6%) e nos serviços (4,2%) e queda na agropecuária (-1,7%).

Do mesmo modo que na economia mundial, a inflação brasileira apresentou desaceleração nos últimos meses. Nos 12 meses finalizados em março, a alta foi de 4,65%, o que fez com que o índice ficasse dentro dos limites da meta pela primeira vez desde fevereiro de 2021. Pelo lado das contas públicas, houve resultado primário positivo de 0,9% do PIB nos 12 meses finalizados em fevereiro. Nesse mesmo período, a dívida líquida do setor público apresentou alta, fechando em 56,64% do PIB.

Para 2023, segundo o Boletim Focus do Banco Central do Brasil, as expectativas de crescimento melhoraram na margem, com previsões de crescimento do PIB de 0,9% neste ano e de 1,4% em 2024.

No Rio Grande do Sul, o PIB cresceu 1,7% no 4.º trim./2022, em relação ao trimestre imediatamente anterior, mas ainda apresentou retração na comparação com o mesmo trimestre de 2021 (-1,3%). No ano, a economia gaúcha teve queda de 5,1%, resultado da retração de 45,6% na agropecuária, afetada negativamente pela estiagem de verão, com indústria (2,2%) e serviços (3,7%) crescendo no período.

Dados mensais da indústria de transformação, do comércio e dos serviços mostram que, enquanto o último ainda vem mantendo impulso de crescimento, os dois primeiros vêm apresentando certa acomodação nos últimos meses, movimentos em linha com o que vem ocorrendo na economia brasileira.

A estiagem afetou negativamente as exportações de produtos agrícolas do Estado em 2022, que caíram 28,3% em relação a 2021. Essa redução, no entanto, foi mais que compensada pelo aumento das exportações de produtos industriais, com destaque para as vendas das atividades de produtos do fumo, de veículos automotores, carrocerias e reboques, de derivados de petróleo e de produtos alimentícios. No ano, o valor total das vendas externas do Rio Grande do Sul cresceu 6,8%, alcançando o valor de US\$ 22.564,7 milhões. Nos três primeiros meses de 2023, as vendas externas do Estado atingiram o valor de US\$ 5.031,4 milhões, alta de 0,6% em relação ao mesmo período de 2022.

No mercado de trabalho, o número de ocupados cresceu pelo nono trimestre consecutivo, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). No 4.º trim./2022, chegou a 5.951 mil pessoas, um crescimento de 278 mil em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Como resultado, a taxa de desocupação caiu para 4,6%, recuando 3,5 pontos percentuais em relação à taxa do 4.º trim./2021. Nessa mesma base de comparação, a massa real de rendimentos cresceu 16,2%, impulsionada tanto pelo aumento das ocupações quanto dos rendimentos médios. No mercado formal de trabalho, o Estado gerou, no acumulado dos 12 meses até fevereiro de 2023, 86.026 novas vagas.

A arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) apresentou queda real de 13,0% em 2022, quando registrou o valor, a preços

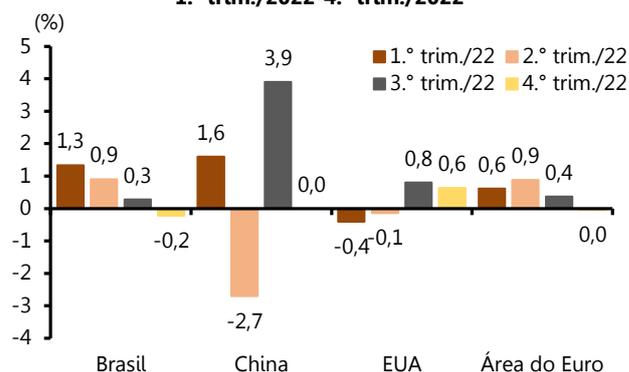
constantes, de R\$ 44.916,2 milhões. As principais causas para essa diminuição foram a redução local das alíquotas do imposto, a limitação das alíquotas, principalmente sobre combustíveis, implementada por lei nacional em junho de 2022, além dos efeitos gerados pela queda do PIB. Nos primeiros três meses de 2023, a arrecadação alcançou o valor, a preços de março de 2023, de R\$ 9,83 bilhões, registrando queda de 17,6% em relação ao mesmo período de 2022.

As perspectivas para a economia gaúcha em 2023 mostram quadros diversos em relação às principais atividades econômicas. A agropecuária deve apresentar recuperação ao longo do primeiro semestre de 2023, amparada na maior produção agrícola em relação a 2022. Embora a falta de chuvas tenha prejudicado as plantações neste início de ano, as quantidades produzidas devem ser consideravelmente maiores que as do ano anterior, que foram impactadas pela maior estiagem dos últimos anos. Já em relação à indústria de transformação e ao comércio, os dados do final de 2022 e início de 2023 mostram um quadro mais desafiador para essas atividades, que vêm apresentando certa acomodação no período recente. De outro lado, os serviços continuam a mostrar um desempenho mais robusto, o que é uma boa notícia, dada sua participação no Valor Adicionado total.

## 1 CENÁRIO EXTERNO

O ritmo de crescimento da economia mundial desacelerou no 4.º trim./2022, na comparação com o trimestre imediatamente anterior, puxado pelo fraco desempenho dos Estados Unidos, da Área do Euro e, sobretudo, da China (**Gráfico 1.1**). Em termos anuais (**Gráfico 1.2**), a economia global cresceu 3,4% em 2022, segundo a estimativa de abril do Fundo Monetário Internacional (FMI). Tal resultado, abaixo das projeções realizadas no início de 2023 ou em 2022, reflete os efeitos adversos da invasão russa à Ucrânia, o aumento das taxas de juros, a redução da renda das famílias por conta da alta inflação, a redução dos investimentos, bem como as sucessivas políticas de restrição de mobilidade da China. Ademais, a economia mundial ainda sente os impactos cumulativos e duradouros de choques adversos dos últimos três anos.

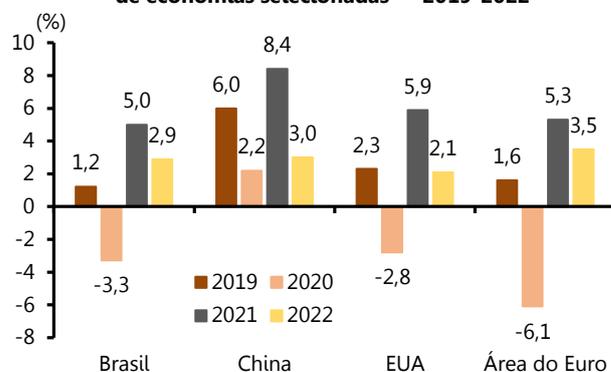
**Gráfico 1.1 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral de economias selecionadas — 1.º trim./2022-4.º trim./2022**



Fonte: OECD (2023).

Nota: Taxas em relação ao trimestre anterior. Séries com ajuste sazonal.

**Gráfico 1.2 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) anual de economias selecionadas — 2019-2022**



Fonte: OECD (2023).

Nota: Taxas em relação ao ano anterior.

A despeito da desaceleração econômica verificada no final de 2022, o Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos, no quarto trimestre, registrou sua segunda alta trimestral sucessiva (contra os trimestres imediatamente anteriores), após os dois trimestres negativos no primeiro semestre. O aumento de 2,1% em 2022, ante 2021, reflete aumentos nos gastos do consumidor em serviços, no investimento privado em estoque e no investimento fixo não residencial, que foram parcialmente compensados por retrações no investimento fixo residencial, nas exportações líquidas e nos gastos do Governo Federal. Embora o mercado de trabalho ainda se apresente aquecido, as expectativas agora se voltam à magnitude dos prováveis efeitos recessivos defasados do ciclo de forte aperto da política monetária sobre a atividade econômica, com impactos consideráveis para o restante do mundo.

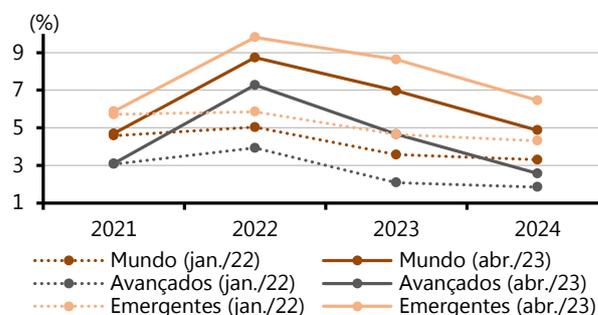
Já a economia da Área do Euro desacelerou pelo segundo trimestre consecutivo, ficando estagnada no quarto trimestre. Houve contribuições positivas das exportações líquidas (0,9 p.p.), dos gastos do Governo (0,2 p.p.) e da variação de estoques (0,1 p.p.), mas a Formação Bruta de Capital Fixo (-0,8 p.p.) e o consumo das famílias (-0,4 p.p.) contribuíram negativamente para o resultado agregado. Enquanto Espanha e França registraram crescimentos no PIB (0,2% e 0,1% respectivamente), Alemanha (-0,4%) e Itália (-0,1%) viram suas economias encolher. Em termos anuais, o produto da Área do Euro cresceu 3,5% em 2022.

A economia chinesa também ficou estagnada no 4.º trim./2022, com uma forte desaceleração em relação ao trimestre anterior. Com um crescimento de 3,0% em 2022, o país registrou a sua segunda menor taxa desde 1976, apenas superior à de 2020, ano de eclosão da pandemia. O ano foi marcado pela política de "Covid zero", que teve repercussões econômicas no mundo todo, a partir da redução da demanda agregada. Com a suspensão das restrições decorrentes da Covid no final do ano, vários grandes surtos de infecções atingiram negativamente a mobilidade e atividade econômica, sobretudo no quarto trimestre. Os impactos da guerra na Ucrânia e de uma política monetária mais restritiva, bem como a crise no mercado imobiliário doméstico, também contribuíram para a desaceleração da economia chinesa.

Fatores como a demanda reprimida, recorrentes interrupções de oferta e recrudescimento nos preços de *commodities* contribuíram para o aumento generalizado dos preços ao redor do mundo em 2022 (**Gráfico 1.3**), o que fez os bancos centrais adotarem

uma postura bastante agressiva em suas políticas monetárias, especialmente na elevação dos juros. Grandes depreciações cambiais em relação ao dólar também estimularam a inflação em diversas economias emergentes. No entanto, com o início do processo de lenta queda da inflação global, existem divergências consideráveis entre as economias, desde taxas relativamente baixas como na China e no Japão até taxas muito elevadas como na Turquia e na Argentina. Mesmo com a perspectiva de redução da inflação mundial, o seu retorno ao nível pré-pandemia ainda é incerto a médio prazo, tendo como elemento novo questões atinentes à recente turbulência do sistema financeiro global.

**Gráfico 1.3 - Projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI) de jan./22 e de abr./23 para a inflação ao consumidor no mundo e nas economias avançadas e emergentes de 2021 a 2024**



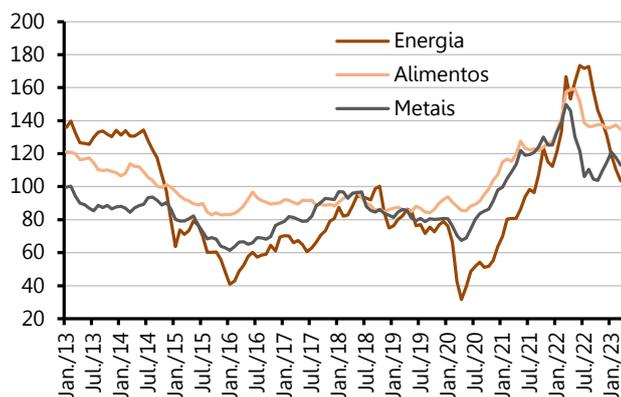
Fonte: Fundo Monetário Internacional (IMF, 2023).

O arrefecimento dos preços de *commodities* no final de 2022 (**Gráfico 1.4**), especialmente os preços de energia, também contribuiu para o início da redução da inflação global. Tal arrefecimento, em grande parte, encontra explicações na desaceleração do crescimento global e na preocupação de uma recessão mundial. Mesmo com a recente queda nos preços de *commodities*, eles ainda se encontram em patamares historicamente elevados.

Enquanto as perspectivas de curto prazo melhoraram ao final de 2022, com a reabertura da China, a queda nos preços de *commodities* e a desaceleração gradual da inflação global, diversos riscos para a recuperação da atividade econômica mundial surgiram no horizonte. Nesse contexto, após um crescimento de 3,4% em 2022, o FMI projeta uma desaceleração do crescimento econômico global para 2,8% em 2023 e 3,0% em 2024, fruto de uma forte redução do crescimento nas economias avançadas (**Tabela 1.1**). Entre os fatores associados a potenciais desestabilizadores das perspectivas de crescimento global, encontram-se: frustração na retomada econômica da China, aperto mais severo nas condições monetárias, estresse

financeiro, problemas de dívida soberana em economias emergentes, inflação mais rígida, aumento das tensões geopolíticas, fragmentação do comércio, etc. Todos esses fatores podem resultar em uma desaceleração mais pronunciada em 2023, inclusive com possibilidade de recessão global.

**Gráfico 1.4 - Índice de preço de grupos de commodities — jan./2011-mar./2023**



Fonte: Banco Mundial (WORLD BANK, 2023).  
Nota: Os índices (US\$ nominal) têm como base 2010 = 100.

**Tabela 1.1 – Projeções do FMI para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e de outras variáveis para a economia mundial e economias selecionadas**

DISCRIMINAÇÃO	2022	2023	2024
(%)			
<b>PIB mundial</b> .....	3,4	2,8	3,0
Economias avançadas .....	2,7	1,3	1,4
Estados Unidos .....	2,1	1,6	1,1
Área do Euro .....	3,5	0,8	1,4
Reino Unido .....	4,0	-0,3	1,0
Japão .....	1,1	1,3	1,0
Economias emergentes .....	4,0	3,9	4,2
Brasil .....	2,9	0,9	1,5
Argentina .....	5,2	0,2	2,0
China .....	3,0	5,2	4,5
Índia .....	6,8	5,9	6,3
Rússia .....	-2,1	0,7	1,3
<b>Preços de commodities</b>			
Petróleo .....	39,2	-24,1	-5,8
Não energéticas .....	7,4	-2,8	-1,0
<b>Inflação ao consumidor</b>			
Economias avançadas .....	7,3	4,7	2,6
Economias emergentes .....	9,8	8,6	6,5

Fonte: IMF (2023).

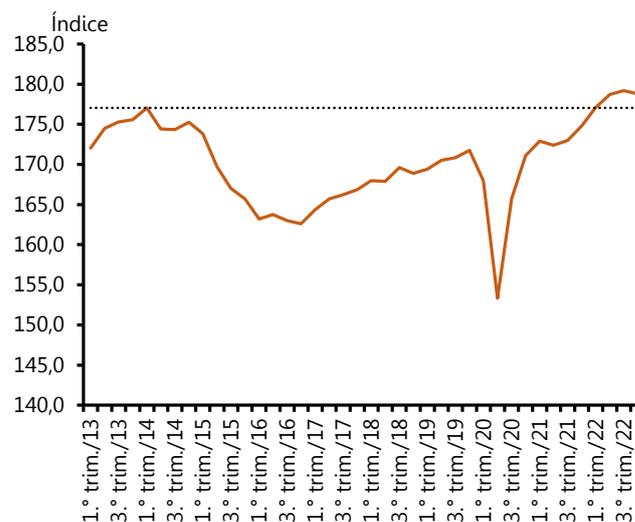
## 2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL

### 2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

No 4.º trim./2022, o PIB recuou 0,2% na comparação com o trimestre anterior, na série livre de efeitos sazonais, e cresceu 1,9% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Em 2022, o PIB avançou 2,9%, mas com taxas decrescentes na margem, em razão da elevação dos juros e da inadimplência que dificultaram a tomada de crédito para consumo e investimentos. Esse resultado é reflexo do desempenho da indústria (1,6%), dos serviços (4,2%) e dos impostos (2,1%), com contribuição negativa da agropecuária (-1,7%).

Em relação ao pico da série, no 1.º trim./2014, e, portanto, anterior à crise de 2014-16, o PIB está em patamar 1,0% superior e, em relação ao 4.º trim./2019, isto é, antes dos efeitos da pandemia, está 4,1% acima (Gráfico 2.1). O resultado negativo do PIB do quarto trimestre, com ajuste sazonal, interrompeu cinco elevações consecutivas, influenciado pela desaceleração das atividades econômicas nos últimos meses do ano, em especial pelos recuos na indústria de transformação e no comércio. Pela ótica da oferta, apenas a agropecuária exerceu contribuição negativa no resultado de 2022. Já pela ótica da demanda, todos os componentes avançaram no ano, com destaque para o consumo das famílias e para as exportações (Tabela 2.1).

**Gráfico 2.1 – Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 1.º trim./2013-4.º trim./2022**



Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2023f).  
Nota: Os índices têm como base a média de 1995 = 100.

Entre as atividades descritas na **Tabela 2.1**, na comparação com o trimestre imediatamente anterior e removidos os efeitos sazonais, apresentou retração apenas a indústria (-0,3%), havendo alta na agropecuária (0,3%) e nos serviços (0,2%). Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, houve crescimento na indústria (2,6%) e nos serviços (3,3%), mas recuo na agropecuária (-2,9%).

**Tabela 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil pelas óticas da oferta e da demanda — 4.º trim./2022**

ATIVIDADES	4º TRIM/2022 3º TRIM/2022	4º TRIM/2022 4º TRIM/2021	2022 2021
<b>PIB</b> .....	-0,2	1,9	2,9
<b>Ótica da oferta</b>			
Impostos .....	-	2,4	2,1
VAB .....	-0,3	1,8	3,0
Agropecuária .....	0,3	-2,9	-1,7
Indústria .....	-0,3	2,6	1,6
Serviços .....	0,2	3,3	4,2
<b>Ótica da demanda</b>			
Consumo das famílias .....	0,3	4,3	4,3
Consumo do Governo .....	0,3	0,5	1,5
Formação Bruta de Capital Fixo	-1,1	3,5	0,9
Exportações .....	3,5	11,7	5,5
Importações .....	-1,9	4,6	0,8

Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2023f).

(1) Com ajuste sazonal.

Setorialmente, o PIB da agropecuária registrou incremento positivo de 0,3% no quarto trimestre, em relação ao trimestre anterior, e queda de 2,9% na comparação interanual. No acumulado do ano, houve queda de 1,7%, após cinco anos de crescimento na atividade. O resultado interanual foi impactado pelo recuo nas produções de mandioca, fumo e batata-inglesa, culturas significativas no quarto trimestre. Por outro lado, os desempenhos positivos de cana-de-açúcar, laranja e trigo não foram suficientes para contrabalançar a queda na produção de outras culturas relevantes. No ano, os efeitos da estiagem no RS impactaram o desempenho de algumas culturas, a exemplo da soja, com queda estimada de 11,2% na produção. O bom desempenho de outras culturas não foi suficiente para contrabalançar a quebra de safra da oleaginosa.

A indústria recuou 0,3% sobre o período anterior, interrompendo uma sequência de três trimestres em elevação. Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, avançou 2,6%, com expansão em todas as atividades, fechando o ano com crescimento de 1,6%. Após os primeiros meses do ano com cresci-

mento mais robusto, no segundo semestre houve um arrefecimento da atividade que pode estar relacionado à política monetária contracionista, que impacta as condições financeiras e o custo do crédito, mesmo com o avanço em direção à normalização das cadeias de suprimentos após a pandemia. Nesse contexto, há reflexos no Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) que apresenta tendência de queda nos últimos meses, tanto para as condições atuais como para as expectativas da economia. No fechamento de 2022, o subsetor de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos apresentou variação positiva (10,1%), consolidando quatro trimestres de fortes resultados positivos, e a construção avançou 6,9%, fechando dois anos de expansão seguidos. Na mesma base de comparação, as indústrias de transformação sofreram retração (-0,3%), causada principalmente pela queda na fabricação de produtos de metal, móveis, produtos de madeira e de borracha e plástico. O recuo na extração de minério de ferro teve impacto negativo nas indústrias extrativas (-1,7%).

Já os serviços cresceram 0,2% na margem e 3,3% no quarto trimestre de 2022, em relação ao mesmo período do ano anterior, fechando o acumulado do ano com expansão de 4,2%. Todas as atividades do setor cresceram em 2022: outras atividades de serviços (11,1%), transporte, armazenagem e correio (8,4%), informação e comunicação (5,4%), atividades imobiliárias (2,5%), administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social (1,5%), atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (0,4%) e comércio (0,8%). Beneficiado pela retomada da economia após os fortes impactos da pandemia e pela melhoria no mercado de trabalho, o setor expandiu-se rapidamente. Contudo, parece haver uma certa acomodação no ritmo de crescimento dos serviços a partir do segundo semestre de 2022.

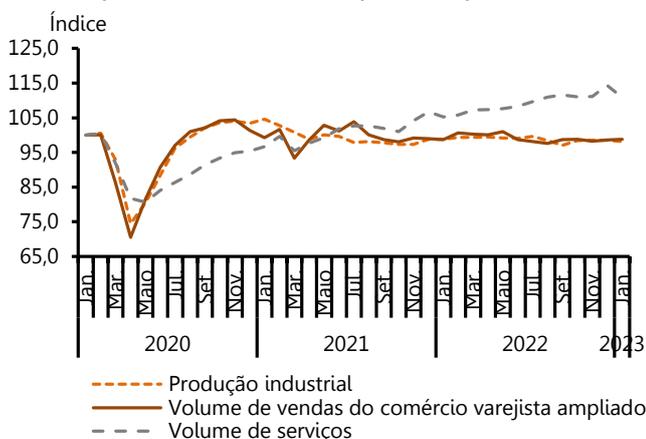
Sob a ótica da demanda, a Formação Bruta de Capital Fixo registrou queda de 1,1% na margem e crescimento de 3,5% na comparação interanual, encerrando 2022 com um crescimento de 0,9%. Destaca-se, entre seus componentes, a expansão no desenvolvimento de *softwares* e na construção, pois a demanda por máquinas e equipamentos contribuiu negativamente. O consumo das famílias avançou 0,3% na comparação com o trimestre anterior e 4,3% tanto na comparação interanual quanto no acumulado do ano. Há alguns indicativos de arrefecimento nesse componente, no último trimestre de 2022, vinculados ao encarecimento do crédito, ao aumento do endivida-

mento e à acomodação ocorrida no mercado de trabalho nos últimos meses. Já o consumo do Governo avançou 0,3% contra o trimestre anterior e 0,5% contra o mesmo período do ano anterior, acumulando um crescimento de 1,5% no ano.

No setor externo, houve expansão nas exportações de bens e serviços na margem (3,5%), na comparação interanual (11,7%) e no acumulado do ano (5,5%). Em 2022, os produtos em destaque foram os alimentícios, os veículos automotores, a celulose e os serviços. As importações de bens e serviços também cresceram no ano (0,8%), com destaque para veículos automotores, derivados de petróleo, produtos químicos e serviços.

Analisando os indicadores em frequência mensal divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nota-se um descolamento dos serviços em relação à indústria e ao comércio desde o segundo semestre de 2021 (**Gráfico 2.2**). Em jan./2023, o patamar da série do volume dos serviços estava 10,3% acima do nível anterior à pandemia (fev./20). Os serviços de transportes, armazenagem e correio foram os principais responsáveis por esse crescimento. Contudo, pode-se notar uma desaceleração das taxas de crescimento na maioria das atividades ao longo do ano, em linha com o observado no Valor Adicionado Bruto (VAB) do setor. Já a indústria e o comércio vêm enfrentando uma conjuntura desafiadora em um ambiente em que os estímulos fiscais tiveram alcance limitado em razão da inflação e do impacto da elevação das taxas de juros sobre a concessão de crédito.

**Gráfico 2.2 - Produção industrial, volume de vendas do comércio varejista ampliado e volume de serviços com ajuste sazonal no Brasil — jan./2020-jan./2023**

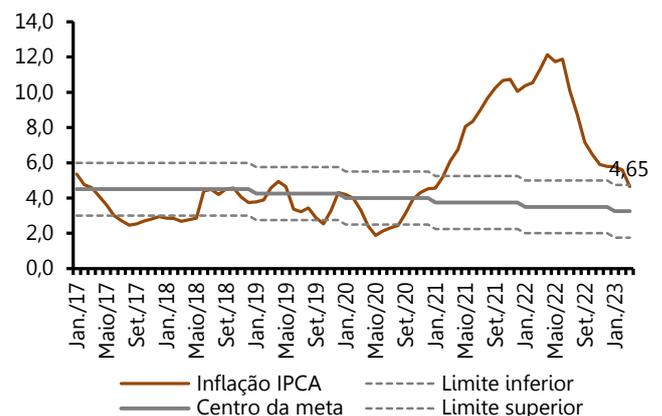


Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (IBGE, 2023b).  
Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2023c).  
Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2023d).  
Nota: Os índices têm como base jan./2020 = 100.

## 2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS

A inflação no Brasil continua em desaceleração após o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ter atingido 12,1% em abr./22, no acumulado em 12 meses. Em março deste ano, a taxa chegou a 4,65%, estando, pela primeira vez desde fevereiro de 2021, dentro dos limites para o cumprimento da meta para a inflação definida pelo Conselho Monetário Nacional para 2023 (limite superior de 4,75% e centro da meta de 3,25%) — **Gráfico 2.3**. Essa queda recente é mais concentrada nos itens afetados pelas medidas de desoneração tributária, enquanto o núcleo da inflação, que identifica o componente generalizado de aumento de preços desconsiderando as variações extremas, continua elevado.

**Gráfico 2.3 - Variação percentual do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses e metas de inflação no Brasil — jan./2017-mar./2023**



Fonte dos dados brutos: IBGE (2023).  
Banco Central do Brasil (2023a).

No acumulado do ano, até março, a variação registrada pelo IPCA reflete, principalmente, a queda de 2,4% dos preços administrados, especialmente da gasolina (-22,1%) e da energia elétrica (-16,0%). Contribuíram para esse resultado a desoneração de impostos federais e do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e a redução do preço das *commodities* energéticas. Dados do FMI mostram que o índice de *commodities* energéticas, por exemplo, teve variação positiva de 65,30% em jan./23, frente a fev./20, um recuo após ter subido mais de 100,0% em jun./22, comparativamente a fev./20.

No caso dos preços livres, verifica-se que, embora estejam em desaceleração, continuam elevados, tendo subido 7,3% no acumulado do ano até março, impactados pela alta na alimentação no domicílio e nos serviços livres. A reoneração dos combustíveis e o

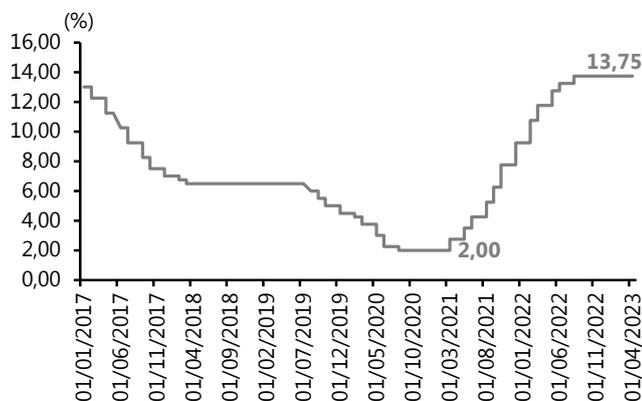
novo valor do ICMS unificado (valendo a partir de 1.º de julho) terão efeito sobre os preços, ainda que, no curto prazo, a inflação esteja desacelerando. Além disso, o núcleo da inflação permanece em patamar elevado (7,5% no acumulado do ano até março).

A escalada do nível de preços em 2021 foi acompanhada por uma política monetária contracionista, implementada pelo Banco Central, com aumentos sucessivos na taxa de juros até o atual patamar de 13,75%, mantido inalterado desde ago./2022 (**Gráficos 2.3 e 2.4**).

De acordo com a divulgação do resultado da última reunião do Comitê de Política Econômica (Copom), de março deste ano, que manteve a taxa Selic inalterada, o Banco Central enfatizou que as expectativas de inflação seguem desancoradas, com projeção de elevação de 5,8% para 2023, sem espaço para redução de juros neste momento. No balanço de riscos de alta para a inflação, o Banco Central destaca a persistência das pressões inflacionárias globais, a incerteza sobre o arcabouço fiscal e a trajetória da dívida pública e uma desancoragem mais longa das expectativas de inflação. No cenário de baixa, uma queda adicional dos preços das *commodities* e uma desaceleração da economia mundial mais acentuada do que a projetada, bem como na concessão doméstica de crédito.

De acordo com o **Relatório Focus** de 14 de abril de 2023, o mercado espera que a inflação feche os anos de 2023 e 2024, respectivamente, em 6,01% e 4,18%, ficando dentro do intervalo da meta apenas em 2024. Nos mesmos períodos, a expectativa do mercado aponta para a Selic em 12,50% e em 10,00%.

**Gráfico 2.4 - Meta para taxa Selic — jan./2017-abr./2023**

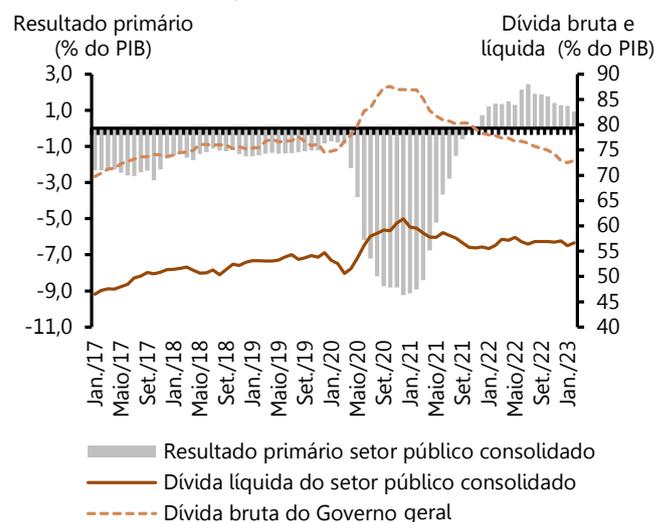


Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2023a).

No lado fiscal, em 2021 e 2022, os déficits primários foram convertidos em superávits, ou seja, o Go-

verno gastou menos do que arrecadou sem contar os juros da dívida pública. O superávit primário do setor público consolidado, em 2021 e 2022, foi de, respectivamente, 0,7% para 1,3% do PIB<sup>1</sup>, o primeiro biênio de resultado primário positivo desde 2012/13. Em fevereiro de 2023, o resultado primário do setor público foi de 0,9% do PIB no acumulado em 12 meses, o 16.º resultado positivo consecutivo (**Gráfico 2.5**). Nesse mesmo período, a dívida líquida do setor público (DLSP) apresentou alta, passando de 56,14% para 56,64% do PIB. Em 2022, os resultados positivos das contas públicas, aliados ao crescimento do PIB, propiciaram redução da razão dívida bruta do Governo geral (DBGG) em relação ao PIB, que fechou o ano em 72,87%, contra 78,29% em dezembro de 2021.<sup>2</sup>

**Gráfico 2.5 - Resultado primário acumulado em 12 meses e estoques da dívida bruta e dívida líquida no Brasil — jan./2017-fev./2023**



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2023a).

Contudo, a expectativa de continuidade da dinâmica favorável da relação dívida/PIB vem sofrendo deterioração desde o ano passado. O **Relatório Focus** de 14 de abril de 2023 mostra que as expectativas de mercado, em percentual do PIB, para o resultado primário dos anos de 2023, 2024 e 2025 são de -1,00%, -0,80% e -0,50% respectivamente. A dívida líquida projetada, de acordo com o mesmo documento, é de 61,30%, 64,50% e 66,95% nos mesmos anos. A aprovação de projetos como a PEC Kamikaze e a PEC da

<sup>1</sup> O setor público consolidado corresponde ao Governo Federal (inclusive Previdência Social), aos governos estaduais e municipais, ao Banco Central e às empresas estatais (exceto Petrobras e Eletronbras).

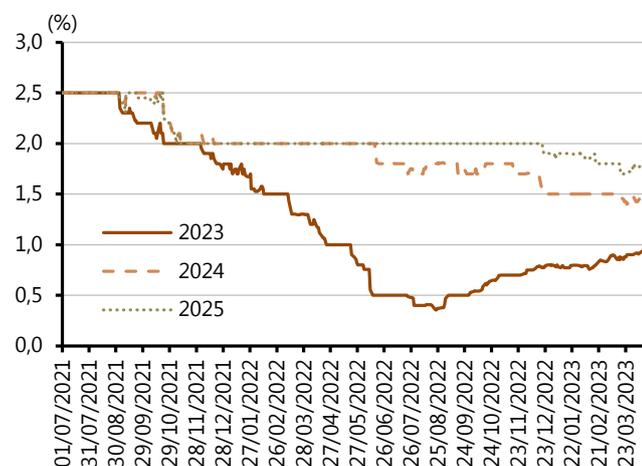
<sup>2</sup> O Governo geral, cuja abrangência é mais restrita, inclui apenas o Governo Federal (inclusive Previdência Social), os governos estaduais e os governos municipais.

Transição, ao contornar o mecanismo do teto de gastos, colocou em dúvida a eficácia desse mecanismo. Nesse cenário, emergiu com força o debate para substituir o atual teto de gastos da economia brasileira, o que ocorreu com o anúncio da nova regra fiscal pela equipe econômica do Governo Federal no último dia 30. A nova regra tem como objetivo combinar um limite de despesa mais flexível que o teto de gastos com uma meta de resultado primário (receitas menos despesas, sem os juros da dívida pública). O novo arcabouço fiscal combina três regras: (a) o estabelecimento de uma trajetória de conversão de déficits em superávits fiscais, com uma banda de flutuação para acomodar choques; (b) o limite da taxa de crescimento da despesa em 70% da variação da receita nos 12 meses anteriores; e (c) um teto de despesas com uma banda de 0,6% a 2,5% ao ano acima da inflação, dependendo do crescimento da economia. Resumidamente, a política fiscal — receitas *vis-à-vis* despesas — reflete as decisões tomadas pelo Governo na aplicação dos recursos através do gasto público. Apesar de independentes, a interação entre política fiscal-monetária define os rumos para a estabilidade de preços e o crescimento do PIB.

### 2.3 EXPECTATIVAS DE CRESCIMENTO

As expectativas de crescimento do mercado para o PIB de 2023 melhoraram na margem, mas seguem abaixo de 1%. Dados do Sistema de Expectativas do Banco Central de 14 de abril de 2023 mostram que as expectativas de fechamento do ano para o PIB são de 0,9% para 2023 e 1,4% para 2024 (**Gráfico 2.6**).

**Gráfico 2.6 - Expectativas de crescimento para 2022, 2023 e 2024 do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 01 de julho de 2021 a 14 de abril de 2023**



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2023).

Os indicadores de atividade econômica doméstica mostram sinais de desaceleração. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) e do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) mostram acomodação do mercado de trabalho após resultados positivos consecutivos desde meados de 2020. A indústria e o comércio vêm sendo impactados pela desaceleração na concessão de crédito, ainda que os preços no atacado estejam relativamente comportados.

Apesar do alívio na inflação, o fim do aperto monetário e o início do ciclo de corte de juros pelo Banco Central ainda não ocorreu, em razão da manutenção de pressões no núcleo da inflação e da desancoragem das expectativas no longo prazo. Além disso, a capacidade do novo arcabouço fiscal em manter a trajetória da dívida pública sob controle é um fator adicional de volatilidade no mercado.

No ambiente externo, há sinais de deterioração em razão da volatilidade dos mercados financeiros, decorrente dos problemas em instituições financeiras norte-americanas e da Europa, bem como, da persistência das pressões inflacionárias globais e do temor de recessão (desaceleração) econômica.

## 3 CENÁRIO INTERNO — RS

### 3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

No último trimestre de 2022, o PIB do Rio Grande do Sul apresentou crescimento de 1,7% na comparação com o trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal (**Tabela 3.1**). Essa expansão no produto agregado, a segunda consecutiva, foi determinada pelos desempenhos positivos da agropecuária (43,3%) e dos serviços (1,0%), com a indústria apresentando retração (-2,7%). Nos serviços, os destaques positivos ficaram por conta das altas observadas em transportes, armazenagem e correio (5,4%) e intermediação financeira e seguros (2,6%). Por outro lado, retraíram-se as atividades de serviços de informação (-0,8%) e comércio (-0,3%). Dentro do Setor Secundário, as quedas mais importantes ocorreram nas atividades da indústria de transformação (-2,2%) e na atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (-6,3%).

**Tabela 3.1 - Variação do Produto Interno Bruto (PIB), dos impostos e do Valor Adicionado Bruto (VAB), total e por atividades, do Rio Grande do Sul — 4.º trim./2022**

ATIVIDADES	(%)	
	4º TRIM/2022 3º TRIM/2022 (1)	2022 2021
<b>PIB</b> .....	1,7	-5,1
Impostos .....	-	1,1
<b>VAB</b> .....	2,0	-6,0
Agropecuária .....	43,3	-45,6
Indústria .....	-2,7	2,2
Serviços .....	1,0	3,7

Fonte: SPGG-RS/DEE (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).  
(1) Com ajuste sazonal.

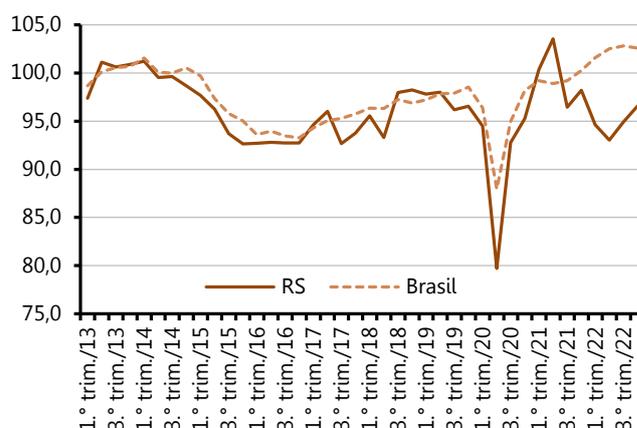
Já em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, a economia gaúcha apresentou queda de 1,3%, a quarta retração trimestral no ano. Isso significa que, embora a economia tenha crescido na margem nos dois últimos trimestres de 2022, o patamar do quarto trimestre ainda se encontrava abaixo do observado no mesmo período de 2021. Essa diferença deve-se, fundamentalmente, à agropecuária, que ainda não se recuperou totalmente dos efeitos da estiagem. Nessa base de comparação, o Setor Primário apresentou retração de 11,9%. A indústria também caiu (-0,2%), enquanto os serviços apresentaram crescimento de 4,2%.

No acumulado de 2022, em relação a 2021, o PIB do Estado apresentou queda de 5,1%, resultado da

retração de 45,6% na agropecuária, com indústria (2,2%) e serviços (3,7%) crescendo no período.

As duas recentes variações positivas na margem indicam uma recuperação do nível do PIB, bastante afetado pelos efeitos da estiagem durante o primeiro semestre do ano (**Gráfico 3.1**). Entretanto, o nível do 4.º trim./2022 ainda se encontra bastante distante do pico histórico, que foi registrado no 2.º trim./2021, período marcado pela maior safra de soja do Estado.

**Gráfico 3.1 - Índice do volume do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul e do Brasil — 1.º trim./2013-4.º trim./2022**



Fonte: SPGG-RS/DEE (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).  
Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2023f).  
Nota: 1. Os índices têm como base a média de 2013 = 100.  
2. Série com ajuste sazonal.

A queda de 45,6% no Valor Adicionado Bruto da agropecuária em 2022 foi a maior retração desde, pelo menos, o início da série do PIB Trimestral do RS, em 2002. Isso ocorreu, basicamente, pela forte redução na quantidade produzida de soja (-54,3%) (**Tabela 3.2**) e pela relevância que esse produto ganhou na estrutura produtiva do Estado nos últimos anos, seja pelo aumento consistente da produção, principalmente a partir do começo dos anos 2000, seja pelo crescimento dos preços nos últimos três anos (**Gráfico 3.2**). Além da soja, conforme já abordado nos boletins anteriores, houve queda de produção no arroz, no fumo e no milho, entre os principais produtos agrícolas do Rio Grande do Sul. De outro lado, a produção de trigo, cujo ciclo produtivo ocorre no segundo semestre, apresentou expansão de 49,0%.

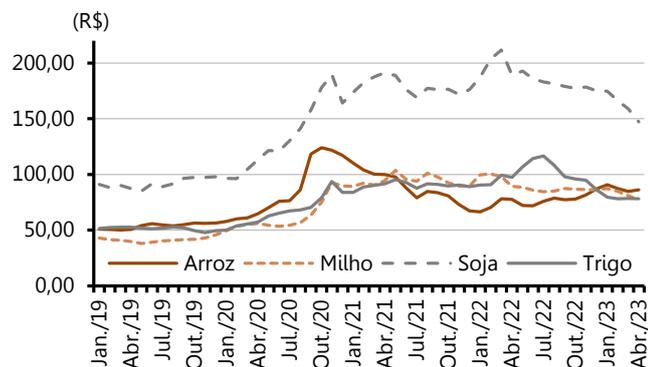
**Tabela 3.2 - Variação da área plantada, da quantidade produzida e do rendimento médio dos principais produtos agrícolas do Rio Grande do Sul — 2022/2021**

PRODUTOS	ÁREA PLANTADA (ha)	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)	RENDIMENTO MÉDIO (t/ha)
Arroz .....	1,2	-9,7	-10,8
Fumo .....	-6,6	-14,6	-8,6
Milho .....	0,5	-31,6	-32,0
Soja .....	4,6	-54,3	-56,3
Trigo .....	24,1	49,0	20,1

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) (IBGE, 2023a).

Em relação aos preços, após passarem por significativa elevação em meados de 2020, com um repique durante os primeiros meses de 2022, em função da guerra na Ucrânia, esses vêm apresentando retração desde a metade do ano passado, com a exceção do arroz. Ainda assim, os valores praticados nestes primeiros quatro meses de 2023 encontram-se acima da média do mesmo período de 2019: em termos reais, mais 72,3% no arroz, mais 99,4% no milho, mais 81,3% na soja e mais 49,9% no trigo.

**Gráfico 3.2 - Evolução dos preços reais do arroz, milho, soja e trigo no Rio Grande do Sul — jan./2019-abr./2023**



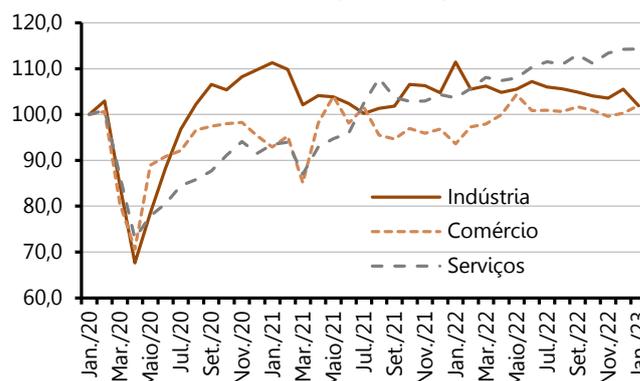
Fonte: Emater-RS (2023).

Nota: Valores constantes a preços de março/23, corrigidos pelo IPCA.

Na análise dos dados conjunturais mensais, a produção industrial do Rio Grande do Sul apresentou expansão de 1,1% no acumulado de 2022, na comparação com 2021. Esse desempenho positivo é explicado pela baixa base de 2021, uma vez que, de acordo com os dados mensais, o indicador apresentou relativa estabilidade entre novembro de 2021 e dezembro de 2022 (**Gráfico 3.3**). Na margem, a produção da indústria de transformação teve queda (-1,1%) nos últimos três meses (dez./2022 a jan./2023), na comparação com os três meses imediatamente anteriores, acompanhando, de certa forma, o movimento ocorrido na indústria nacional, que também perdeu tração a partir da metade do ano passado.

Ainda no acumulado do ano, as atividades industriais que apresentaram os maiores impactos positivos na taxa total foram as de máquinas e equipamentos (12,3%), de veículos automotores, reboques e carrocerias (15,3%) e de produtos do fumo (11,4%). No primeiro caso, o crescimento esteve ligado à paralisação parcial da produção de automóveis no Estado, em meados de 2021, em função da escassez de insumos. Em relação à expansão da fabricação de máquinas e equipamentos, houve a continuidade do impulso da demanda por máquinas agrícolas gaúchas vinda do restante do País e de países produtores agrícolas da América do Sul, alimentada pelo patamar elevado dos preços das *commodities*. Para o aumento da produção de fumo manufaturado, as empresas industriais do Estado tiveram que se abastecer das produções dos estados vizinhos da Região Sul, pois a quantidade produzida no Rio Grande do Sul foi bastante afetada pela estiagem. Dessa forma, conseguiram expandir a produção industrial dessa atividade em meio à escassez de matéria-prima estadual. Ao mesmo tempo em que as atividades listadas acima apresentaram forte crescimento em 2022, outros ramos, como os de produtos químicos (-12,5%), móveis (-12,9%) e produtos de metal (-4,1%), tiveram expressivas quedas, demonstrando a heterogeneidade do desempenho do setor industrial gaúcho em 2022.

**Gráfico 3.3 - Índice da produção física da indústria de transformação, do volume de vendas do comércio varejista ampliado e do volume dos serviços do Rio Grande do Sul — jan./2020-jan./2023**



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF) (IBGE, 2023b).

Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (IBGE, 2023c).

Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) (IBGE, 2023d).

Nota: 1. Os índices têm como base jan./2020 = 100.

2. Série com ajuste sazonal.

De maneira geral, o comércio apresentou um movimento parecido com o da indústria de transformação ao longo de 2022. Em relação a 2021, o volume de vendas da atividade cresceu 3,7%, de acordo

com os dados mensais, enquanto, na margem (três últimos meses), houve queda de 0,4%. Em janeiro de 2023, no entanto, o indicador apresentou elevação na margem, fazendo com que o nível de vendas ficasse acima do patamar observado no começo de 2020, antes do início da pandemia e de seus efeitos sobre a economia no Brasil.

No acumulado do ano, as altas mais impactantes vieram das vendas de hipermercados e supermercados (4,5%), de combustíveis e lubrificantes (30,4%) e de outros artigos de uso pessoal e doméstico (6,9%). Já as baixas mais importantes ocorreram nas atividades comerciais de material de construção (-12,1%), de móveis e eletrodomésticos (-5,9%) e de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-27,0%).

Os serviços distanciaram-se do movimento recente da indústria e do comércio. A atividade apresentou crescimento de 11,4% no acumulado do ano e de 2,0% nos últimos três meses. Mesmo que apresentando algumas oscilações, a atividade teve um crescimento consistente entre outubro de 2021 e janeiro de 2023. De forma desagregada, todas as cinco atividades apresentaram crescimento em 2022. Pela ordem, destacam-se serviços prestados às famílias (24,7%), transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (14,0%), outros serviços (11,7%), serviços profissionais, administrativos e complementares (10,5%) e serviços de informação e comunicação (5,8%).

### 3.2 SETOR EXTERNO

O mercado internacional ajudou a impulsionar a economia gaúcha ao longo de 2022. As exportações do Estado alcançaram o valor de US\$ 22,564,7 milhões de janeiro a dezembro, montante 6,8% maior que o registrado no mesmo período de 2021 (**Tabela 3.3**). Setorialmente, entretanto, houve quedas e expansões. As vendas externas de produtos agropecuários, como consequência da menor produção agrícola em função da forte estiagem, caíram de maneira expressiva no ano. Por outro lado, as exportações industriais tiveram expansão, mais do que compensando a queda nas vendas das atividades agrícolas e pecuárias.

As exportações de produtos da atividade agropecuária caíram 28,3% entre janeiro e dezembro de 2022, principalmente pela redução das exportações de soja, que diminuíram US\$ 2.910,8 milhões em relação ao ano anterior, queda de 46,8%. As vendas totais de

produtos agropecuários só não caíram mais porque houve expansão das exportações de trigo (mais US\$ 675,2 milhões no período), de arroz (US\$ 307,9 milhões) e de milho (US\$ 72,3 milhões), expansões explicadas, em grande parte, pela atratividade dos preços elevados dos grãos no mercado internacional.

**Tabela 3.3 - Valor das exportações, total e por atividades econômicas, e variações em relação ao mesmo período do ano anterior no Rio Grande do Sul — jan.-dez./2022 e jan.-mar./2023**

ATIVIDADES	JAN-DEZ/2022		JAN-MAR/2023	
	Valor (US\$ milhão)	Δ%	Valor (US\$ milhão)	Δ%
Produtos alimentícios .....	5.903,1	29,1	1.395,6	7,9
Produtos agropecuários .....	4.881,2	-28,3	897,6	-8,7
Produtos do fumo .....	2.098,1	78,7	581,2	21,2
Produtos químicos .....	1.730,4	-1,9	337,2	-27,9
Celulose e papel .....	1.293,4	20,6	325,8	22,2
Máquinas e equipamentos .....	1.251,1	15,0	323,1	13,2
Veículos automotores, carrocerias e reboques .....	1.128,6	65,0	264,6	20,4
Couros e calçados .....	1.079,0	11,2	234,1	-12,4
Produtos de metal .....	687,2	-15,5	151,1	-10,1
Derivados de petróleo .....	400,2	48,7	69,8	-11,2
Outros produtos .....	2.112,5	10,3	451,5	-7,7
<b>VALOR TOTAL .....</b>	<b>22.564,7</b>	<b>6,8</b>	<b>5.031,4</b>	<b>0,6</b>

Fonte: Comex Stat (BRASIL, 2023).

Ao contrário do total da agropecuária, as exportações industriais apresentaram expansão em 2022, com destaque para as vendas ligadas às atividades de fabricação de produtos do fumo (78,7%), de veículos automotores, carrocerias e reboques (65,0%) e de derivados de petróleo (48,7%).

China, Estados Unidos e Argentina mantiveram-se nas três primeiras colocações entre os principais destinos das vendas externas do Estado em 2022. As exportações para a China, no entanto, caíram 39,1%, como resultado das menores vendas de soja para aquele país. Para os Estados Unidos, cresceram 21,0%, e, para a Argentina, 22,9%. Entre os 20 principais países importadores do Rio Grande do Sul, para além da China, houve queda nas vendas somente para os Países Baixos e para a Coreia do Sul. Ainda dentro deste grupo, destaque para os aumentos dos embarques para Irã (186,9%), Índia (102,8%) e Indonésia (96,7%).

Nos três primeiros meses de 2023, as exportações gaúchas apresentaram o valor de US\$ 5.031,1 milhões, resultando num leve acréscimo de 0,6% em relação ao mesmo período de 2022. Houve diminuição nos valores embarcados pela atividade agropecuária (-8,7%) e em algumas atividades industriais, com

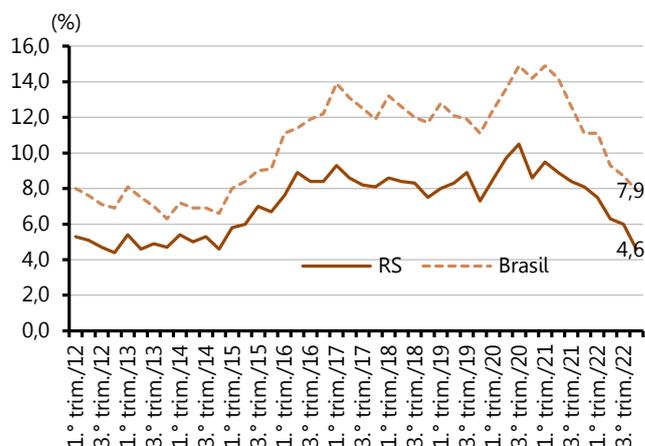
destaque para os de produtos químicos (-27,9%) e couros e calçados (-12,4%). Mas as altas verificadas, principalmente nas vendas externas das atividades industriais de celulose e papel (22,2%), de produtos do fumo (21,2%) e de veículos automotores, carrocerias e reboques (20,4%), mais que contrabalançaram as perdas das outras atividades.

### 3.3 MERCADO DE TRABALHO

Os dados da PNAD Contínua, que abrange todas as ocupações, retratam um quadro bastante positivo do mercado de trabalho do Estado em 2022. Isto ocorre apesar da retração do PIB. Como analisado anteriormente, a queda do produto agregado esteve ligada diretamente à redução do Valor Adicionado da agropecuária, com indústria e serviços crescendo no período. Essa diferença refletiu-se nas ocupações de maneira geral. Enquanto, segundo os dados das médias dos trimestres da PNAD Contínua, as atividades da agropecuária apresentaram diminuição de 33 mil ocupações no ano, as outras atividades — industriais e de serviços — mais que compensaram essa queda, com acréscimo de 352 mil ocupações. De forma mais desagregada, as maiores elevações no número de ocupados ocorreram nas atividades da indústria de transformação (mais 127 mil ocupações) e de alojamento e alimentação (mais 64 mil). No total, portanto, a economia gaúcha criou, em 2022, 319 mil novas ocupações na média dos quatro trimestres.

Especificamente no 4.º trim./2022, o mercado de trabalho apresentou melhora na ocupação pelo nono trimestre seguido. Ainda segundo a PNAD Contínua, o número de ocupados do 4.º trim./2022 foi de 5.951 mil pessoas, significando crescimento tanto em relação ao 4.º trim./2021 (mais 278 mil) quanto em relação ao 3.º trim./2022 (mais 66 mil). A taxa de desocupação passou para 4,6% no 4.º trim./2022, um recuo em relação às taxas do 4.º trim./2021 (8,1%) e do 3.º trim./2022 (6,0%) (**Gráfico 3.4**). A massa real de rendimentos do 4.º trim./2022 apresentou melhora em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (16,2%), resultado tanto do crescimento do contingente de ocupados, quanto do aumento do rendimento médio real das pessoas ocupadas.

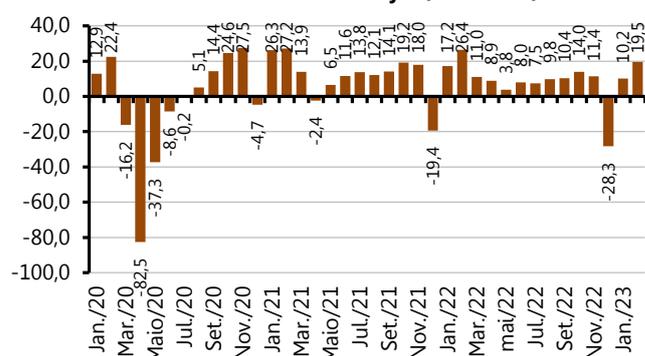
**Gráfico 3.4 - Taxa de desocupação no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-4.º trim./2022**



Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2023e).

Os saldos entre admitidos e desligados no mercado formal de trabalho do Estado, de acordo com o Novo Caged, mantiveram-se positivos nos últimos meses, com a exceção da queda verificada em dezembro, mês que tradicionalmente apresenta redução do emprego em função de questões sazonais. No acumulado do ano de 2022, houve criação de 99.877 novos empregos (**Gráfico 3.5**). E no acumulado dos últimos 12 meses (mar./2022 a fev./2023), o saldo foi de 86.026 empregos. Por atividade econômica, nessa base de comparação anual, os maiores saldos foram registrados nos serviços (40.819), no comércio (17.187) e na indústria de transformação (16.546). A agropecuária, afetada pela estiagem, gerou 3.611 empregos adicionais nos últimos 12 meses.

**Gráfico 3.5 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal do Rio Grande do Sul — jan./2020-fev./2023**



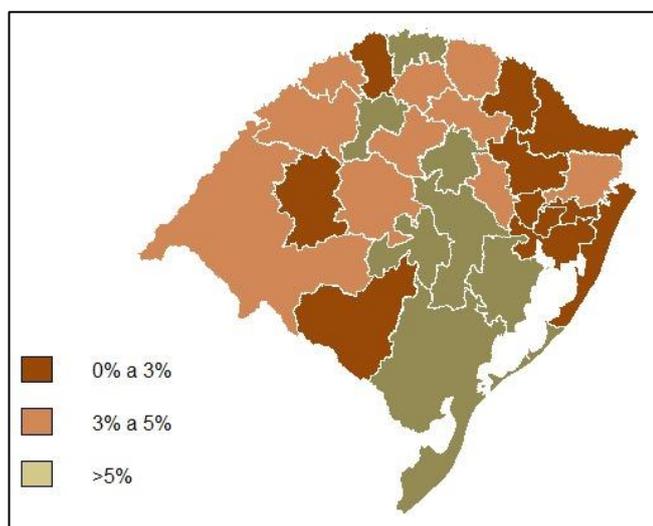
Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2023a).

Em relação ao estoque de empregos de fevereiro de 2022, a criação das 86.026 novas vagas representou um aumento de 3,3%. Regionalmente, todas as 28 regiões dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Estado apresentaram variações positivas

do saldo em 12 meses sobre o estoque anterior (**Figura 3.1**). As maiores expansões relativas ocorreram nos Coredes Alto da Serra do Botucaraí (8,5%), Jacuí-Centro (6,5%), Vale do Rio Pardo (6,1%) e Centro-Sul (5,9%).

Entre os 497 municípios gaúchos, houve variação positiva em 395. Nos 19 municípios com mais de 100.000 habitantes, as maiores altas ocorreram em Santa Cruz do Sul (8,1%), Canoas (6,5%), Passo Fundo (4,8%) e Cachoeirinha (4,3%). Já entre os 56 municípios com população entre 30.000 e 100.000 habitantes, as maiores elevações relativas foram em Candelária (13,9%), Soledade (13,0%) e Panambi (7,5%).

**Figura 3.1 - Variação do saldo em 12 meses entre admitidos e desligados sobre o estoque anterior no emprego formal nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Rio Grande do Sul — fev./2023**

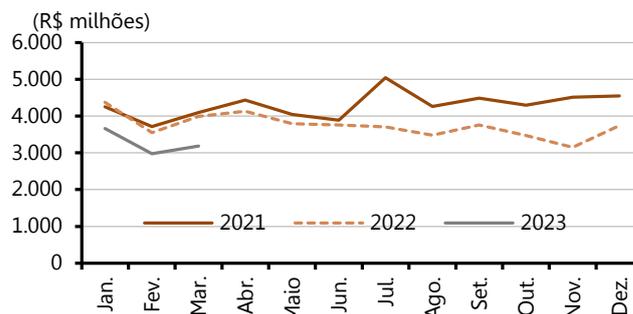


Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2023a).

### 3.4 ARRECAÇÃO DE ICMS

Em 2022, o valor arrecadado com o ICMS no Rio Grande do Sul, a preços constantes de março de 2023, alcançou R\$ 44.916,2 milhões, uma redução de 13,0% em relação ao montante arrecadado no ano anterior (**Gráfico 3.6**). Setorialmente, houve variação positiva dos valores arrecadados apenas nas atividades de outros serviços (17,0%). De outro lado, as maiores quedas foram observadas nas atividades de outras indústrias (-41,2%), de serviços de informação e comunicação (-34,8%), e de agropecuária (-15,8%). Nas duas atividades de maior arrecadação, houve queda de 9,3% na da indústria de transformação e de 5,0% na do comércio.

**Gráfico 3.6 - Arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) no Rio Grande do Sul — 2021-2023**



Fonte: Sefaz-RS/Dados Abertos (RIO GRANDE DO SUL, 2023).  
Nota: Valores constantes a preços de março/2023, corrigidos pelo IPCA.

Conforme já apresentadas nos números anteriores deste boletim, as principais causas para a queda real da arrecadação são quatro: ingresso extraordinário, em julho de 2021, de R\$ 922,0 milhões referentes ao pagamento de ICMS atrasado da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) após sua privatização; reduções das alíquotas básicas do ICMS e das incidentes sobre energia elétrica, combustíveis e telecomunicações; limitação das alíquotas sobre combustíveis, gás natural, energia elétrica, comunicações e transporte coletivo, implementada pela Lei Complementar n.º 194, aprovada pelo Congresso Nacional em junho de 2022, além de efeitos gerados pela queda do PIB.

Vale notar que a maior diferença entre a arrecadação de 2022 e a de 2021 aconteceu exatamente a partir de julho, mês em que as alíquotas de combustíveis, principalmente, foram reduzidas de 25,0% para 17,0%. De janeiro a junho, a queda havia sido de 3,4%. Já no segundo semestre, a retração foi bem superior, de 21,5%.

Nos três primeiros meses deste ano, a arrecadação alcançou o valor, a preços constantes de março de 2023, de R\$ 9.825,5 milhões, resultado de uma queda de 17,6% na comparação com os mesmos meses de 2022. Setorialmente, houve retração nos valores arrecadados em outras indústrias (-66,9%), em informação e comunicação (-36,7%) e na indústria de transformação (-21,0%). De outro lado, cresceram as arrecadações das atividades de outros serviços (16,9%), do comércio (8,6%) e da agropecuária (0,5%).

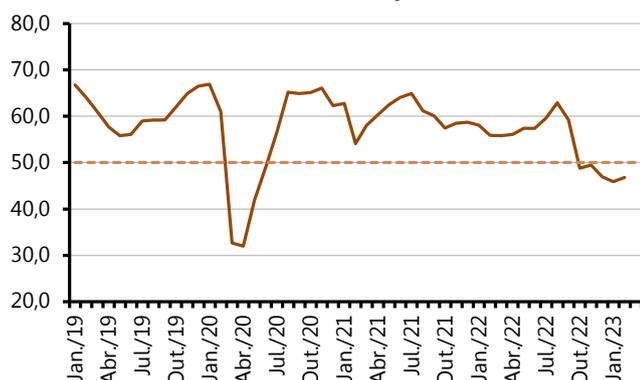
### 3.5 PERSPECTIVAS

Pelo lado da atividade agropecuária, a safra de verão de 2023 deve apresentar nova quebra em função da falta de chuvas, notadamente durante o final

de 2022 e início de 2023. Informações de março do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do IBGE, indicam perdas importantes em relação às estimativas iniciais, que projetavam uma safra de verão de mais de 33 milhões de toneladas de grãos (arroz, feijão, milho e soja), de acordo com o Acompanhamento de Safra da Emater de 07 de março de 2023. Entretanto, e considerando os efeitos sobre o PIB, a safra de 2023 deve ser maior que a de 2022. Ainda segundo o LSPA mais atual, a quantidade produzida de arroz deve ter redução de 11,1%, mas as de milho (mais 37,8%) e de soja (mais 57,7%) devem crescer em relação às quantidades produzidas em 2022. Isso se deve ao fato de a estiagem de 2023 ser menos impactante sobre a produção agrícola do que a do ano anterior. Desse modo, esperam-se números positivos para o setor no primeiro semestre do ano, notadamente no segundo trimestre, período no qual a soja é colhida em quase sua totalidade.

Já pelo lado da indústria de transformação e do comércio, as perspectivas para os meses logo à frente são bastante desafiadoras. Conforme analisado neste boletim, as duas atividades vêm apresentando certa acomodação desde meados de 2022. Essas perspectivas são reforçadas, ou explicadas, pelos indicadores que medem a confiança do empresário industrial do Rio Grande do Sul (**Gráfico 3.7**) e a intenção de consumo das famílias gaúchas (**Gráfico 3.8**).

**Gráfico 3.7 - Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2019-mar./2023**



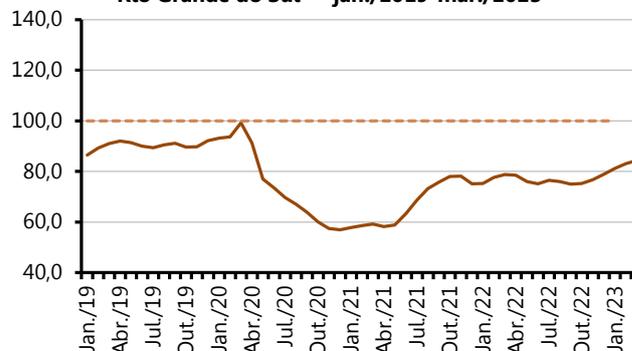
Fonte: FIERGS (2023).

Nota: O índice varia entre 0 e 100 pontos; valores acima de 50 pontos indicam otimismo.

No primeiro caso, o indicador perdeu sustentação desde outubro de 2022 e, atualmente, encontra-se no terreno em que indica pessimismo dos agentes, em relação tanto ao presente quanto ao futuro. No caso da intenção das famílias em consumir, o inverso

vem ocorrendo, com melhora desde outubro de 2022. No entanto, o índice ainda indica pessimismo das famílias em relação ao consumo.

**Gráfico 3.8 - Intenção de consumo das famílias (ICF-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2019-mar./2023**



Fonte: Fecomércio RS (2023).

Nota: O índice varia entre 0 e 200 pontos; valores acima de 100 pontos indicam otimismo.

Por outro lado, as atividades de serviços vêm crescendo de forma mais consistente ao longo dos últimos meses, tanto na comparação com os mesmos meses de 2021, quanto na margem. Embora haja dúvidas quanto à continuidade desse crescimento ao longo de 2023, o fato de o setor mais representativo da economia estar apresentando expansão é um sinal positivo.

## PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS

**Tabela A.1 - Principais indicadores econômicos do Rio Grande do Sul e do Brasil — set./2022-mar./2023**

DISCRIMINAÇÃO	SET/22	OUT/22	NOV/22	DEZ/22	JAN/23	FEV/23	MAR/23
(%)							
<b>Índice de atividade econômica</b>							
Rio Grande do Sul							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,6	-0,3	0,7	-1,9	-0,4	-	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	7,8	4,1	3,3	3,4	4,1	-	-
Acumulado em 12 meses .....	1,0	1,2	1,0	1,1	1,4	-	-
Brasil							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,3	-0,5	-1,1	0,5	0,0	-	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	4,1	3,1	0,8	0,8	3,0	-	-
Acumulado em 12 meses .....	2,5	2,9	2,9	2,8	3,0	-	-
<b>Produção industrial</b>							
Rio Grande do Sul							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,7	-0,7	-0,5	1,9	-3,4	-	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	3,8	-2,1	-3,2	0,1	-7,7	-	-
Acumulado em 12 meses .....	1,2	1,1	0,7	1,1	0,4	-	-
Brasil							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-1,4	1,3	0,1	-0,1	-0,3	-0,2	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-1,0	1,2	0,8	-0,4	0,3	-2,4	-
Acumulado em 12 meses .....	-2,3	-1,5	-1,1	-0,7	-0,2	-0,2	-
<b>Comércio</b>							
Rio Grande do Sul							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,0	-0,7	-1,3	0,7	1,6	-	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	8,6	3,7	3,0	3,2	9,2	-	-
Acumulado em 12 meses .....	2,7	3,2	3,5	3,7	4,4	-	-
Brasil							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,2	0,1	-0,6	0,4	0,2	-	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	0,9	0,3	-1,4	-0,6	0,5	-	-
Acumulado em 12 meses .....	-1,6	-1,0	-0,8	-0,6	-0,5	-	-
<b>Serviços</b>							
Rio Grande do Sul							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,9	-1,7	2,0	0,8	0,0	-	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	9,3	7,6	10,0	8,2	11,5	-	-
Acumulado em 12 meses .....	12,2	11,8	11,8	11,3	11,4	-	-
Brasil							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,6	-0,6	0,1	2,9	-3,1	-	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	9,4	9,7	6,5	6,0	6,1	-	-
Acumulado em 12 meses .....	8,8	9,0	8,7	8,3	8,0	-	-
<b>Preços</b>							
IPCA-Porto Alegre							
Taxa de variação mensal	-0,46	0,76	0,42	0,56	0,23	0,75	1,25
Taxa de variação acumulada em 12 meses	4,85	4,46	3,90	3,61	4,40	4,74	4,37
IPCA							
Taxa de variação mensal	-0,29	0,59	0,41	0,62	0,53	0,84	0,71
Taxa de variação acumulada em 12 meses	7,17	6,47	5,90	5,79	5,77	5,60	4,65
IGP-DI							
Taxa de variação mensal	-1,22	-0,62	-0,18	0,31	0,06	0,04	-0,34
Taxa de variação acumulada em 12 meses	7,94	5,59	6,02	5,03	3,01	1,53	-1,16

Fonte dos dados brutos: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2023).

Pesquisa Industrial Mensal (IBGE, 2023b).

Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2023c).

Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2023d).

Banco Central do Brasil (2023a).

## REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema de Expectativas de Mercado**. Brasília, DF: BCB, 2023. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/expectativas/publico/consulta/serieestatisticas>. Acesso em: 14 abr. 2023.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema Gerenciador de Séries Temporais - v2.1**. Brasília, DF: BCB, 2023a. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>. Acesso em: 14 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais. **COMEX STAT**. Brasília, DF: Ministério da Economia, 2023. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 14 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. **Painel de informações do Novo CAGED**: fevereiro 2023. Brasília, DF: Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, 2023a. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjojNWl5NWl0ODEtYmZiYy00Mjg3LTkzNWUtY2UyYjIwMDE1YWZlIiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YWw5LWVmOThmYmFmYTk3OCJ9>. Acesso em: 14 abr. 2023.

EMATER/RS. **Cotações agropecuárias**. Porto Alegre: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: [http://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos\\_semanais.php#.YMql1ahKJIU](http://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos_semanais.php#.YMql1ahKJIU). Acesso em: 14 abr. 2023.

EMATER/RS. **Estimativa da safra de verão 2022-2023**. Porto Alegre: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul, 2023a. Disponível em: [https://www.emater.tche.br/site/arquivos\\_pdf/safra/safraTabela\\_07032023.pdf](https://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/safra/safraTabela_07032023.pdf). Acesso em: 14 abr. 2023.

FECOMÉRCIO RS. **Intenção de consumo das famílias gaúchas**. Porto Alegre: Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: <https://www.fecomercio-rs.org.br/documentos/publicacoes>. Acesso em: 14 abr. 2023.

FIERGS. **Índice de confiança do empresário industrial**. Porto Alegre: Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: <https://www.fiergs.org.br/numeros-da-industria/indice-de-confianca-do-empresario-industrial>. Acesso em: 14 abr. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7060>. Acesso em: 14 abr. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. Rio de Janeiro: IBGE, 2023a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/lspa/tabelas>. Acesso em: 14 abr. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional. Rio de Janeiro: IBGE, 2023b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-regional/tabelas>. Acesso em: 14 abr. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Mensal de Comércio. Rio de Janeiro: IBGE, 2023c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>. Acesso em: 14 abr. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Mensal de Serviços. Rio de Janeiro: IBGE, 2023d. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pms/tabelas>. Acesso em: 14 abr. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua - Divulgação Trimestral — 4.º trimestre de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023e. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Acesso em: 14 abr. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Sistema de Contas Nacionais Trimestrais – referência 2010 – 4º trimestre 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023f. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/cnt/brasil>. Acesso em: 14 abr. 2023.

IMF **World economic outlook**: a rocky recovery. Washington, DC: IMF, apr. 2023.

OECD. **Quarterly GDP**. Paris: OECD, 2023. Disponível em: <https://stats.oecd.org/>. 2023. Acesso em: 14 abr. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Receita dados**. Porto Alegre: SEFAZ, 2023. Disponível em: <http://receitadados.fazenda.rs.gov.br/paineis/arrecadacao/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **PIB RS trimestral**. Porto Alegre: SPGG/DEE, 2023a. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/pib-trimestral>. Acesso em: 14 abr. 2023.

WORLD BANK. **World Bank commodity price data**. Washington, DC: World Bank, 2023.



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL